Globethics Repository

Globethics

O culto presbiteriano como performance do tempo sagrado [The Presbyterian Worship as Sacred Time Performance]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

| | |
|---|---|
| Item Type | Article |
| Authors | Pereira da Cunha, Gladson |
| Publisher | Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia |
| Rights | Creative Commons Copyright (CC 2.5) |
| Download date | 2026-11-26 11:29:25 |
| Link to Item | http://hdl.handle.net/20.500.12424/234833 |

# O culto presbiteriano como performance do tempo sagrado

The Presbyterian Worship as Sacred Time Performance

*Gladson Pereira da Cunha*

Teólogo e Mestre em Ciências da Religião (UPM)
Especialista em Filosofia e Psicanálise (UFES)
Ministro ordenado da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB)
Professor Substituto de Filosofia e Sociologia (IFES)

**Resumo**
Este artigo, portanto, intenta identificar os elementos performáticos presentes no culto presbiteriano tal como praticado pela Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), partindo dos conceitos de Turner e Schechner, passando pela construção bíblico-teológica sobre o culto e, por fim, chegando a interpretação da ritualística.

**Palavras-chave**
Teologia. Presbiterianismo. Culto. performance

**Abstract**
This article attempts to identify the performative elements present in the Presbyterian worship as practiced by the Presbyterian Church of Brazil (IPB), based on the concepts of Turner and Schechner, through construction on the biblical-theological cult and finally reaching performance itself.

**Keywords**
Theology. Presbyterianism. Worship. Performance.

## Introdução

O presbiterianismo, como expressão mais comum no Brasil de uma perspectiva calvinista de protestantismo, tendo como referência neste trabalho a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB),[1] é marcado pela simplicidade da simbologia e da ritualística em todas as suas manifestações, inclusive as litúrgicas. Esta simplicidade, por exemplo, se demonstra no fato de que o culto não necessita de um ministro ordenado para que seja celebrado em sua plenitude, na inexistência oficial de paramentos litúrgicos e na falta de uma liturgia

[1] A Igreja Presbiteriana do Brasil é o fruto direto do trabalho dos primeiros missionários norte-americanos no país, sendo também o maior grupo. Portanto, este trabalho foca na percepção litúrgica deste grupo, considerando que os demais grupos não possuem maiores divergência, a exceção da Igreja Presbiteriana Renovada que incluiu elementos pentecostais à sua liturgia. Existem no Brasil pelo menos cinco denominações presbiterianas: a Igreja Presbiteriana Independente (1903), Igreja Presbiteriana Conservadora (1923), a Igreja Presbiteriana Fundamentalista (1965), a Igreja Presbiteriana Renovada (1968) e a Igreja Presbiteriana Unida (1978).

padrão. Mesmo que não exista um rito prescrito, isso não significa que haja na IPB uma liberdade litúrgica, porquanto, os princípios litúrgicos adotados pelo presbiterianismo pelo mundo são direcionados por rubricas; isto é, direcionamentos sem exemplos, que omitem orações e dizeres rituais.[2] Estas rubricas estão devidamente expressas na *Confissão de Fé de Westminster* (1646) e no *The Directory for the Publick Worship of God* (1645). Contudo, este último documento não se tornou símbolo confessional da IPB, mas apenas uma referência. A Confissão de Fé de Westminster claramente aborda estas rubricas, como se seguem:

> A oração com ações de graças, sendo uma parte especial do culto religioso, é por Deus exigida de todos os homens; […] A leitura das Escrituras com o temor divino, a sã pregação da palavra e a consciente atenção a ela em obediência a Deus, com inteligência, fé e reverência; o cantar salmos com graças no coração, bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo – são partes do ordinário culto de Deus, além dos juramentos religiosos; votos, jejuns solenes e ações de graças em ocasiões especiais, tudo o que, em seus vários tempos e ocasiões próprias, deve ser usado de um modo santo e religioso.[3]

E as mesmas são reafirmadas nos Princípios de Liturgia da Igreja Presbiteriana do Brasil (PL-IPB):

> O culto público é um ato religioso, através do qual o povo de Deus adora o Senhor, entrando em comunhão com ele, fazendo-lhe confissão de pecados e buscando, pela mediação de Jesus Cristo, o perdão, a santificação da vida e o crescimento espiritual. É ocasião oportuna para proclamação da mensagem redentora do Evangelho de Cristo e para doutrinação e congraçamento dos crentes. O culto público consta ordinariamente de leitura da Palavra de Deus, pregação, cânticos sagrados, orações e ofertas. A ministração dos sacramentos, quando realizada no culto público, faz parte dele.

Desta maneira, havendo apontamentos daquilo que consiste o culto cristão, tal qual pensado pelo presbiterianismo, há uma necessidade de que exista uma ordem na qual as orações, as leituras bíblicas e os cânticos se intercalem, gerando um momento celebrativo; portanto, um *tempo ritual*. No entanto, a simplicidade ritual ou a não percepção do rito, não exclui a consideração de Schechner de que todo rito seja um elemento performático e que, em seu uso religioso, ele tem suas implicações.

> De fato, uma definição de performance seria: um comportamento ritualizado condicionado e ou permeado pela encenação. Rituais são os

[2] BAIRD, Charles W. *A Liturgia Reformada: Ensaio Histórico*. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP, 2001. p. 14.
[3] CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001., p. XXI:iii:v.

> caminhos das memórias das pessoas. Rituais são as memórias em ação, codificadas na ação.[4]

e

> Performances marcam identidades, dobram o tempo, remodulam e adornam o corpo, e contam estórias. Performances – de arte, rituais, ou da vida cotidiana – são "comportamentos restaurados", "comportamentos duas vezes experenciados", ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam.[5]

O que Schechner está afirmando é que os ritos têm, enquanto performances, a capacidade de restaurar o comportamento humano. Desta maneira, um culto é a reatualização da identidade daquele que cultua, independente do seu grau de complexidade. Desta forma somos levados a questionar: qual é o sentido performático exis*tente no culto presbiteriano*? *Qual a sua relação com a performance*?

Este artigo, portanto, intenta identificar os elementos performáticos presentes no culto presbiteriano tal como praticado, de maneira geral, pela Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), partindo dos conceitos de Turner e Schechner, passando pela sua construção bíblico-teológica acerca do culto e, por fim, chegando à performance propriamente dita e sua interpretação.

**Performance e a relação com ritos**

O conceito de performance assumido neste texto é o construído por Victor Turner e Richard Schechner, considerando que este conceito foi formulado em duas vias: da antropologia para o teatro e do teatro para a antropologia. O encontro desses dois representou um dos momentos mais expressivo no estudo antropológico da performance, quando "*Richard Schechner, um diretor de teatro virando antropólogo, faz a sua aprendizagem antropológica com Victor Turner, um antropólogo que, na sua relação com Schechner, torna-se aprendiz do teatro*", [6] uma vez que há elementos teatrais nas relações sociais e em seu comportamento, da mesma forma que o teatro encontra-se cheio das angustias da sociedade.

Turner formulou seu conceito a partir do *Erlebnis* de Dilthey, o qual possui cinco momentos:

---

4 SCHECHNER, Richard. Performance Studies: An Introduction. New York: Routledge, 2002. p. 45.

5 SCHECHNER, 2002, p. 28. Schechner como diretor teatral foi influenciado pelos conceitos do antropólogo inglês Victor Turner, afirmou: "*Um pouco da antropologia tocava um pouco do teatro. Mas esse pouco contato não seria a medida decisiva de uma fertilidade conceitual. Essa mistura frutificará*" Cf. SCHECHNER, Richard. *Between Theater and Anthropology*. [s.l.]: University of Pennsylvania Press, 1985. p.3.

6 DAWSEY, John. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. *Campos* – revista de antropologia social, Curitiba, v. 7, n. 2, p.17-25, 2006, p.17. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/viewArticle/7322>. Acesso em: 04 jun. 2013.

> (a) algo acontece no núcleo (prazer ou dor podem ser sentidos mais intensamente do que comportamentos repetitivos, que se tornaram rotina); (b) imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas – de forma aguda; (c) emoções associadas aos eventos do passado são revividas; (d) o passado articula-se ao presente numa relação musical (conforme a analogia de Dilthey), tornando possível a descoberta e construção de significado; e (e) o significado, a experiência se completa através de uma forma de expressão.[7]

Assim, Turner considera que "*uma performance é a conclusão adequada de uma experiência*".[8] Uma experiência que necessariamente não é pessoal – isto é, um fato acontecido com uma dada pessoa numa situação isolada – mas sim uma experiência coletiva; e, por que não dizer, comunitária. Desta maneira, se as relações sociais encontram-se impregnadas de significado e há uma exigência para a ordenação por meio desse significado, então, essa experiência producente de significado ou sentido se torna reorganizadora ou remodeladora do *ethos* de um grupo, quer religioso ou não.

Para Turner, os rituais de uma sociedade teriam como função criar momentos de paralisia e suspensão dos papeis sociais em relação ao fluxo do cotidiano. Esta paralisia e suspenção proporcionada pelos rituais agiriam como remediadora das tensões tanto pessoais como sociais do grupo, de modo que os elementos não resolvidos da vida social poderiam ser solucionados. Desta maneira, o rito, como repetição da experiência, geraria o rearranjo entre passado e presente, entre o fiel e os fiéis, entre o homem e Deus. O *significado* no final da experiência é o sentido que religião "*intenta prover a partir de uma imediata compreensão do seu sentido, não por meio por meio de um conhecimento intelectual, mas por uma iluminação*".[9]

Desta forma, quando consideramos a liturgia ou o culto presbiteriano como um *tempo performático*, o consideramos como tal por se tratar de uma experiência comunal do encontro do homem com Deus. Mas essa experiência não é apenas a experiência de uma comunidade cristã; é uma experiência de fé que atravessa toda a história da fé da Igreja, trazendo sentido às angústias pessoais e coletivas.[10] Esse seria o sentido que o homem encontra no encontro com o Divino. É o sentido para as demandas, medos e aflições individuais e coletivas. É o sentido que traz de volta as coisas ao seu devido lugar, à ordem.

---

7 TURNER, Victor. *Dal ritual al teatro*. Bologna: Il Molino, 1986, p. 37.

8 TURNER. 1986, p. 37.

9 WEBER, Max. *Sociologia de la Religión.* p. 84.

10 A teologia calvinista-presbiteriana considera a Igreja como a comunhão dos santos em todos os tempos nas duas dispensações, Lei e Evangelho, de modo que não é possível pensar Igreja como um evento apenas neotestamentário.

Então, se o performático está relacionado com o *refazer*, o *remodular*, o *recriar*, logo, qualquer ritualística, por mais simples que seja, e qualquer ação humana, por mais imperceptível aos olhos alheios, encontram-se repletas de significado.[11]

**Princípio bíblico do culto presbiteriano**

Necessariamente, não é possível dizer que exista uma *liturgia presbiteriana*. A etimologia de *liturgia* [gr. λειτουργεω] sugere a ideia de um trabalho que é imposto, como era o trabalho de um artífice [gr. λειτουργικος], o que por sua vez sugere padrão.[12] Assim, liturgia exige regras – neste caso, um rito. Neste sentido, não existe um ritual cúltico presbiteriano. Como dito, o culto presbiteriano é orientado por rubricas que norteiam o modo como o mesmo deve ser desenvolvido. Essa rubrica que é denominada *princípio regulador do culto*. Este *princípio regulador* determina que tão-somente aquilo que está explicitamente revelado nas Escrituras acerca do culto é exigido e aceito por Deus, como está expresso na Confissão de Fé de Westminster:

> O modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo e tão limitado pela sua vontade revelada, que não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás nem sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras.[13]

No entanto, quando se observa o Novo Testamento, nem Jesus Cristo ou mesmo os apóstolos apresentam alguma forma clara e evidente de um padrão ou um rito para o culto cristão, existindo apenas relatos daquilo que os primeiros cristãos faziam em suas reuniões (At.2.42-47; 1Ts.5.17-20). Enquanto o Antigo Testamento apresenta uma ritualística muitíssimo elaborada, a mesma é interpretada pelo cristianismo como uma tipologia cumprida em Cristo por meio de sua humilhação, morte e ressurreição (Hb.10.1-10). Daí surge a indagação: há alguma expressão clara de culto nas Escrituras como determina o *Princípio Regulador*? A resposta evidente é não, não existe um rito explicitamente orientado. No entanto, há *modos aceitáveis* explicitamente revelados, segundo a teologia presbiteriana, que justifica a ideia das rubricas. Estes modos aceitáveis seriam os seguintes, conforme a Confissão de Westminster:

> A leitura das Escrituras com o temor divino, a sã pregação da palavra e a consciente atenção a ela em obediência a Deus, com inteligência, fé e

11 GEERTZ, *La interpretacion de la cultura*. Barcelona: Gedisa, 2003. p.21-22.
12 COENEN, Lothar, BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, vol.II*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
13 CONFISSÃO. 2001.

> reverência; o cantar salmos com graças no coração, bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo.[14]

Mas como organizar esses *modos aceitáveis*, de maneira que os determinantes *inteligência*, *fé* e *reverência* possam trazer sentido ao fiel? Como ordenar as ações cúlticas atendendo à exigência apostólica – *com decência e ordem* (1Co.14.26-40)? A Igreja Presbiteriana do Brasil tem se utilizado de um modelo anglicano de liturgia, haja vista que a Rev.ª Suely dos Santos, pastora metodista, considera como uma herança para o metodismo o uso do texto de Isaías 6.1-8, como base da liturgia daquela denominação.[15] Assim é possível dizer que Isaías 6.1-8, também é o modelo presbiteriano para a ordem de seu culto.

> 1 No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. 2 Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. 3 E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. 4 As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça. 5 Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos! 6 Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; 7 com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado. 8 Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim.

A experiência do profeta, embora não normativa e explicita de um modelo litúrgico, torna-se, no senso comum presbiteriano, o parâmetro de uma experiência que deveria ser vivida por todo fiel: o encontro com Deus. Não necessariamente um encontro tal como o profeta teve, mesmo porque esse evento fora algo extraordinário da revelação da divindade, mas uma percepção clara do fiel de que ele tenha se achegado a Deus e ouvido sua voz. Comentando o trecho de Isaias 6.1, Calvino afirmou:

> Assim aprendemos a proveitosa doutrina, que quando Deus concede qualquer sinal de sua presença, é que ele está indubitavelmente presente conosco, e não está disposto a nos divertir por meio de formas sem sentido, como os homens procuram perversamente desfigurá-lo por meio seus artifícios. […] Isaías, no entanto, declara justamente que ele o viu.[16]

---

14 CONFISSÃO. 2001.

15 SANTOS, Suely Xavier dos. *Herança e esperança: fundamentos para liturgia a partir de Isaías 6,1-8*. In: Anuário Litúrgico 2005. São Bernardo do Campo: Editeo, 2004.

16 CALVIN, John. *Commentary on the Prophet Isaiah, vol.1*. In: _____. *The Calvin Collection*. Albany: AGES Software, 1998. p.174.

Assim, o culto presbiteriano é um *tempo em comum* entre a divindade e a humanidade. Muito longe de ser um mero *culto didático*, que levaria o adorador "*a oferecer a Deus tudo que Ele exige e merece por meio da pregação, do ensino e da exortação*",[17] o culto presbiteriano, pela sua própria estrutura teológica, deve ser compreendido como um *culto revelacional*; isto é, um momento em que as exatas e devidas dimensões do caráter humano e do caráter divino são justapostos e reconciliados. Nesta *revelação* de quem Deus é e de quem o homem é, e na crise instituída desse encontro, Deus, como soberano, fala e o homem, como servo, obedece. E tudo isso mediado teologicamente pelo Ressuscitado, e visivelmente pelos atos do culto.

Deus, neste encontro, deseja fazer-se perfeitamente conhecido pelo homem dentro das possibilidades que a divindade dá-se a conhecer. Um conhecimento que não está ligado às dimensões intelectuais, sociais ou mesmo litúrgico-teológicas, mas tão somente aos *sentimentos piedosos* daqueles que cultuam. Não é um divertimento. Não é um mero evento social. Não é mero assentimento humano. É, portanto, um rearranjo coletivo e simultaneamente individual da existência humana no seu constante existir em Deus.

**O culto presbiteriano e sua performance ritualística**

Como visto acima, toda manifestação de um grupo que se relacione com a sua origem e organização por meio de alguma cerimônia, que aponte para uma espécie de atualização e afirmação da identidade e de suas crenças será uma performance. Para Schechner, numa performance existem sete funções, as quais se encontram entrelaçadas e não necessariamente todas essas são levadas a efeito num ato performático. São elas: *1) Entreter, 2) Construir o belo, 3) Construir ou mudar uma identidade, 4) Construir ou educar uma comunidade, 5) Curar, 6) Ensinar ou persuadir, e 7) Lidar com o sagrado e o profano (ou demoníaco)*.[18]

Neste lidar com o sagrado, o culto assume a característica de um ato performático, isto é, uma sequência de eventos que têm sua origem nos conflitos dos indivíduos e do grupo, os quais poderiam ser aliviados ou amenizados por meio os efeitos deste conflito. A isto Turner dá o nome de *Drama Social*.[19] O modelo do *drama social* proposto por Turner é dividido em quatro momentos: (a) *ruptura,* (2) *crise e intensificação da crise,* (3) *ação reparadora e* (4) *desfecho*.[20] Assumindo o esquema turneriano e esquematizando o texto bíblico, seria possível estabelecer a seguinte estrutura performática do culto presbiteriano: (1) *Entrada no templo pela necessidade humana* – (2) *A contemplação do Sagrado* – (3) *A compreensão da miserabilidade humana e do perdão divino* – (4) *A proclamação da Palavra de Deus*

17 SHEDD, Russel. *Adoração Bíblica*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, pp.9-10.
18 SCHECHNER, 2002, p.37-39.
19 TURNER, Victor. *Dramas, Fields, and Metaphors: Symbolic action in Human Society*. Ithaca: Cornell University Press, 1974. p. 35-36.
20 TURNER, 1974, p. 38-44.

– (5) *A saída do templo por ordem de Deus.* Vejamos como isso se processa no modelo de culto presbiteriano.

*Entrada no templo pela necessidade humana e a contemplação do Sagrado*

Na compreensão de Turner, derivada de Van Gennep, todo rito é iniciado por uma ruptura da ordem conhecida, uma separação entre realidades distintas: do profano para o sagrado.[21] O fiel, ao entrar no templo, entra num espaço especial. Por mais que a noção oficial da IPB e os teólogos reformados desconsiderem qualquer concepção de sacralidade intrínseca ao templo, o reconhecimento da presença de Deus sacraliza o ambiente do culto. O Onipotente Deus está presente. Não à toa canta-se no culto presbiteriano: "*Deus está no templo, Pai onipotente, Aos seus pés nos humilhamos*".[22] Mas o que atrai o fiel ao templo e ao culto?

À luz do texto de Isaías, o profeta teria ido ao templo diante de uma expectativa ruim em relação à sucessão real, uma vez que morto o bom rei Uzias, temia o profeta que um rei que não temesse a Yahweh assumisse o trono de Judá. O que conduziu o profeta ao templo foram suas próprias e humanas angústias. Logo, não seria estranho dizer que o ser humano vai a Deus movido por suas angústias e temores. Não negando a realidade da exigência divina:

> Bendito o homem que confia no SENHOR, e cuja confiança é o SENHOR. Porque será como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro, e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e no ano de sequidão não se afadiga, nem deixa de dar fruto. (Jr.17.7-8 NVI)

Na sua angústia o homem deixa o sua habitat e entra no da divindade. Na busca de demonstrar a sua confiança em Deus, ele vê o próprio Deus. Na contemplação do Sagrado, o homem ouve o chamado de Deus:

> Vinde, cantemos ao SENHOR; jubilemos à rocha da nossa salvação. Apresentemo-nos ante a sua face com louvores, e celebremo-lo com salmos. Porque o SENHOR é Deus grande, e Rei grande sobre todos os deuses. Nas suas mãos estão as profundezas da terra, e as alturas dos montes são suas. Seu é o mar, e ele o fez, e as suas mãos formaram a terra seca. O, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do SENHOR que nos criou. Porque ele é o nosso Deus, e nós povo do seu pasto e ovelhas da sua mão. (Salmos 95:1-7)

[21] VAN GENNEP. *Ritos de Passagem*. Petrópolis: Editora Vozes, 19[--]. p.36.
[22] ROCHA, J.C. *Culto à Trindade*. In: Hinário Novo Cântico. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003. Hino 4.

O Deus que criou é o mesmo que pode recriar. Se as maiores forças da natureza estão sob o seu controle – pode pensar o fiel, então, ele pode controlar a vida *atribulada* de alguém que vai ao seu encontro. E então se vê coagido por essa visão a se expressar:

> Ao Deus de Abrão louvai,
> Do vasto céu Senhor,
> Eterno e poderoso Pai
> E Deus de amor!
> Augusto Jeová
> Que terra e céu criou,
> Minha alma o nome exaltará
> Do grande Eu-Sou[23]

Esse entrar no santuário divino é um ato de abrigar-se. A teologia presbiteriana admite a *Soberania Divina*; isto é, o controle absoluto de Deus sobre todo o universo e suas forças. O culto, então, é um apresentar-se na presença do Senhor do universo. Mas por que ir até Deus? Justamente o sentimento de falta que há no coração do homem e sua fraqueza diante da sua lida diária. Entrar no templo é sair do meio do enfrentamento pessoal e solitário, é entrar num refúgio dos medos e temores do seu contexto social. No abrigo encontrado há um encontro com o Senhor e a percepção de uma nova condição existencial contrária ao mundo, como expressou Mendonça em sua análise sobre a inserção do protestantismo presbiteriano no Brasil:

> No contexto da mensagem protestante, a sua ética surge como normas do provisório, como modo de vida […], da desqualificação do mundo. Num universo pouco coeso socialmente, regulado por normas frágeis e cujo traço principal era a violência como força reguladora das relações entre os grupos e indivíduos, os protestantes se propuseram seguir a ética que os afastou do universo em que viviam.[24]

Desta maneira, estar na nova igreja significava para Mendonça assumir um *novo universo*, que não seria encontrado apenas no serviço religioso, mas na vida fora do templo. Assim, a ética religiosa seria a expressão da própria ética da divindade, que exigiria uma transformação do fiel, o que acontece justamente no confronto que se dá no encontro com o *Deus Santíssimo*.

*A compreensão da miserabilidade humana e do perdão divino*

Retomando os princípios turnerianos, a crise é apenas o início de um processo de performance, que se agrava num segundo momento.[25] Se por um lado o fiel está em conflito com o seu universo e com a ordem e demandas da sua existência, por outro lado

[23] BEN JUDAH, D. *Deus de Abrão*. In: Hinário Novo Cântico. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003. Hino 21.
[24] MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir, 3ª ed.* São Paulo: EDUSP, 2008. p.229.
[25] TURNER, 1974, p. 38.

ele percebe diante de Deus, no culto, que suas relações com ele não se encontram em melhor condição.

Nesta experiência, o fiel estaria diante de um estranhamento de um *eu* que não é um *outro*, seria algo como o "*não-eu*".[26] Assim, o pai de família, a mãe amorosa ou o respeitável membro da igreja, se vêem sem os seus qualificadores, se vêem como pai, mãe e membro da Igreja que falham naquilo que os qualificam.

Por outro lado, simultaneamente este fiel experimenta também um estranhamento do tipo vendo-se sendo visto – na teoria de Schechner este seria o lugar do auditório diante do *performer* – numa condição de "*não não-eu*".[27] No ato de contrição o fiel está desnudo da hipocrisia humana vendo-se como pecador e não aquilo que o rotulam, e, ao mesmo tempo, diante de Deus encontra-se nu, tal como Adão e Eva no Éden, que o vê vendo-se pecador. É nesse momento que deve e pode dizer: "*Eu odeio meu irmão*…", "*Eu desejo outro marido*…" ou "*Eu sou um ladrão*…".

Por essas palavras o fiel também admite o seu pecado contra Deus, que o confronta com a sua Palavra. Nas palavras de Isaías 6.5: "*Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!*". O profeta se viu e se viu sendo visto, e reconheceu sua condição. Essa experiência é revivida por todo penitente diante da presença de Deus. O terror diante do Deus que é a *santidade absoluta*, o faz pensar na severidade divina contra a pecaminosidade uma. A expressão hebraica **אוי-לי כי-נדמיתי**, presente no texto de Isaías 6.5, sugere que a causa de destruição do profeta seria ele mesmo, uma vez que o tempo verbal *nifal* aponta para a passividade do profeta em sofrer a punição divina, enquanto o aspecto *perfeito* descreve a clara percepção do seu estado.[28] Este momento litúrgico seria o *agravamento da crise*.[29]

Em geral, no momento de contrição, é lido algum texto bíblico ou que aponte para a realidade do pecado humano ou da disposição divina em perdoar o arrependido. O agravamento da crise humana, neste caso, é a compreensão do seu estado diante de Deus e a clara compreensão que o próprio Deus o está vendo como o fiel realmente se vê. Não há para onde escapar. A destruição é eminente. Não é incomum na contrição muitos fieis irem às lágrimas ao se confessarem. O sentimento da gravidade e de dor na alma se torna visível.

Se o desespero do cotidiano o agride o fiel, o temor e o tremor diante de Deus o consomem numa angústia humanamente impossível de ser resolvida: "*sou homem de lábios*

[26] SCHECHNER, Richard. *Between Theater and Anthropology*. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1985, p. 110.
[27] SCHECHNER. 1985, p.110.
[28] KELLEY, Page. *Hebraico Bíblico: uma gramática introdutória*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2000, p.117; p.139.
[29] TURNER, 1974, p.38.

*impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios*"(Is.6.5). A oração do profeta surge no interior do fiel como sua própria oração confessante, de modo que o cultuante diz a Deus as razões da sua condição de perdido e passível de destruição. A resolução deste problema encontra-se apenas na esfera divina.

> Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado. (Is.6.6-8)

O perdão divino é o modo que Deus usa pra adequar o homem à sua presença. Essa seria a única condição de se ouvir a voz de Deus sem que o temor do profeta Isaías (Is.6.5) ou o temor do Salmo 29 se cumprisse:

> 4 A voz do SENHOR é poderosa; a voz do SENHOR é cheia de majestade. 5 A voz do SENHOR quebra os cedros; sim, o SENHOR despedaça os cedros do Líbano. 6 Ele os faz saltar como um bezerro; o Líbano e o Siriom, como bois selvagens. 7 A voz do SENHOR despede chamas de fogo. 8 A voz do SENHOR faz tremer o deserto; o SENHOR faz tremer o deserto de Cades. 9 A voz do SENHOR faz dar cria às corças e desnuda os bosques; e no seu templo tudo diz: Glória!

O perdão é o início daquilo que Turner chamou de *ação reparadora*. A mesma se completará como tal na *pregação*.

*A proclamação da Palavra de Deus*

A centralidade no culto presbiteriano está na exposição da Palavra de Deus. Há uma pequena digressão a ser feita aqui relativa ao pensamento teológico acerca das Escrituras. A *Igreja Presbiteriana do Brasil* compreende que a Escritura do Antigo e Novo Testamento dentro de uma perspectiva ortodoxa. Ela é, portanto, *inspirada, autoritativa, inerrante* e *suficientes para a salvação*.[30] Os ministros da IPB, partindo de uma hermenêutica histórico-gramatical,[31] focam o seu esforço hermenêutico a fim de expor as Escrituras tal qual está registrada.

Assim, o texto bíblico é a própria Palavra de Deus, e não uma mera coletânea de confissões de fé ou relatos de experiência com Deus. E a pregação, portanto, seria a voz de Deus, sendo trazida ao homem, por meio da iluminação do Espírito Santo, pelo seu ministro que age como *profeta*.

A pregação no culto presbiteriano, na perspectiva performática de Turner, teria a função de ser a *ação reparadora*, isto é, algo que tenha o papel de reestruturar a ordem do

[30] CONFISSÃO DE FÉ, 2001, p. ; HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2001.
[31] BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. p.111.

universo do fiel que é uma constante crise entre aquilo que ele crê e aquilo que o mundo exige dele. Embora o fiel seja alguém "*de lábios impuros*" e "*habite no meio de um povo de impuros lábios*", ele deseja ser como Deus, por que Deus exige que ele seja assim (Lv.20.7; 1Pe.1.16). O que Deus fala, portanto, é reorganizador da ordem da vida do crente.

Em geral, o presbiterianismo presa pela boa pregação num sentido estético; isto é, boa oratória, boa retórica – o que exige certa capacidade dos ministros e pregadores leigos, embora a piedade seja um elemento de grande força na pregação. É incomum a utilização de meios teatrais ou performáticos. O método expositivo de alguma maneira inibe "*o pregador de subjetivismos, fazendo confinar-se à verdade bíblica*", como afirma o Rev. Hernandes Dias Lopes, ministro da IPB.[32] Para Lopes, isso significa que a fidelidade à Escritura deveria fazer que o pregador declinasse de todas as possibilidades que de alguma maneira dê mais foco à sua criatividade do que ao texto bíblico e sua explicação.

Assim, o pregador, como *performer*, contaria apenas com sua própria capacidade de comunicação. Por exemplo, entre as décadas de 80 e 90, numa igreja da denominação no interior de Minas Gerais, o pastor criou o costume que se apagassem as luzes do templo na hora da pregação, mantendo-se acesas apenas as luzes das sancas e do púlpito. Esse costume dava um tom teatral e místico a este momento, uma vez que a ênfase e o foco das luzes estavam sobre a *Palavra Proclamada*. Contudo, depois deste período e de sucessivas mudanças pastorais, essa prática foi abolida. Mesmo assim, a marca deste ministro era o fervor e sua capacidade de comunicar-se.

Mas o que na pregação reestrutura a ordem no mundo do fiel? Como isso acontece? Vejamos: o Deus que criou a ordem pelo poder de sua palavra (Gn.1.3), é o mesmo que pela sua palavra pode recriá-lo. Este é o axioma da pregação. Contudo, a *palavra pregada* não é algo necessariamente bom, do tipo: "*você vai conseguir tudo que você quiser!*" No entanto, o que Yahweh disse a Isaias não foi, digamos, algo bom de se ouvir:

> 9Então, disse ele: Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percebais. 10 Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo. 11 Então, disse eu: até quando, Senhor? Ele respondeu: Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, as casas fiquem sem moradores, e a terra seja de todo assolada, 12 e o SENHOR afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo. (Is.6.9-12)

No caso de Isaías, Deus lhe disse que não haveria uma restauração da sorte de Judá, mas haveria um contínuo distanciamento desta nação de si mesmo, como expos Calvino:

[32] LOPES, Hernandes Dias. *A importância da Pregação Expositiva*. São Paulo: Editora Candeia, 2004. p.138.

> Foi um grande obstáculo, que ele teve suportar tal obstinação e rebelião do povo de Deus, e isso não apenas por um ou dois anos, mas por mais de sessenta anos. Por conta disso, Isaias precisava estar fortalecido, para que pudesse ser como um muro de bronze contra essa teimosia. O Senhor, portanto, apenas preveniu Isaías do que ele teria que fazer em relação aos homens obstinados, sobre os quais pouco efeito seria produzido [pela sua pregação]; mas que tão incomum acontecimento não deveria levá-lo a se ofender e perder a sua coragem, ou render-se à rebelião de homens, mas, pelo contrário, ele deveria proceder com inabalável firmeza, e torna-se superior as tentações desta natureza [rebelde do seu povo].[33]

Aquilo que Deus diz aos seus fieis na pregação, portanto, não tem necessariamente que fazer o ouvinte se sentir bem, mas deve proporcionar-lhe a compreensão das condições de sua existência, sem que com isso "*ele se ofenda e perca coragem, ou renda-se à rebelião dos homens, mas que, pelo contrário, ele proceda com firmeza inabalável, e que esteja numa condição de superioridade ante as tentações desta natureza*".[34] A parte central do culto presbiteriano, assim, coloca as coisas nos seus devidos lugares: Deus como Deus, o homem como dependente de Deus em todos os momentos, Deus como autor da história.

*A saída: do templo para o mundo*

O ultimo movimento do drama de Turner é denominado *desfecho*. O desfecho é justamente uma ação que pode levar à harmonia ou à cisão social.[35] Num rito, isto significa simplesmente o retorno do homem ao seu espaço, contudo capacitado pelo seu reencontro com o sagrado a existir mais um tempo em suas angústias e medos, entre os demais seres humanos. Ele se desliga do sagrado e retorna ao campo do profano. Mas nem isso pode ser visto como dessacralização, porquanto o fiel deixa o templo com uma missão que carece ser cumprida.

Baseado na experiência de Isaías, Deus convoca o homem a ouvi-lo, uma vez que há uma missão a ser cumprida pelo homem: "*A quem enviarei? Quem há de ir por nós?*" (Is.6.8). Para Calvino, o culto significaria para o crente a contemplação da obra redentora de Deus, e que a reorganização do universo seria possível apenas em Deus, por intermédio de Jesus Cristo. Prova disso era o seu modelo de liturgia utilizado em Estrasburgo. O culto era concluído com a recitação metrificada do *Nunc Dimittis*, que é a oração feita pelo ancião Simeão, conforme a narrativa de Lucas 2.29-32:[36]

---

33 CALVIN, 1998, p.185-186.
34 CALVIN, 1998, p.186.
35 TURNER, 1974, p.41.
36 CALVIN, John. *John Calvin's Form of Church Prayers, 1540s Strasbourg (S)/ Geneva (G)*. In: The Directory of Public Worship for The Associate Reformed Presbyterian Church, p.328. Disponível em: http://www.arpsynod.org/downloads/Directory%20of%20Public %20Worship.pdf>. Acesso em: 18 jun 2013.

> [29]Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra;
> [30] porque os meus olhos já viram a tua salvação, [31] a qual preparaste diante de todos os povos: [32]luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel.

Em seguida era impetrada a bênção, conforme Números 6.24-26: "*O SENHOR te abençoe e te guarde; o SENHOR faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e te conceda graça; o SENHOR volte para ti o seu rosto e te dê PAZ.*"[37]

O *desfecho* do culto presbiteriano reflete o caráter reparador do próprio culto: ideia que gentios e israelitas poderiam, em Cristo, obter a *ação reparadora absoluta*. Esta percepção tornaria o crente responsável pela condição da sua história e da sua sociedade. Essa condição de responsabilidade deveria fazê-lo agir de modo diferente para com o seu semelhante. "*Lembrem-se do pobre*", uma recomendação da liturgia genebrina, era a aplicação imediata e urgente dessa ação divina e reparadora para humanidade através da própria humanidade.[38] Aquele que é abençoado por Deus com o seu *shalom* é obrigado a abençoar a outros.

Por outro lado, o conceito de *salvação do pecado e da ira* por meio da fé em Jesus Cristo (Jo.3.14-21, Ef.2.1-8), responsabiliza o crente cultuante a falar ou a testemunhar daquilo que viu e experimentou – isto é, a própria salvação em Jesus – aos seus semelhantes. Aquele que conhece a salvação de Deus deve comunicá-la. O *desfecho ritual* não é a finalização de uma tarefa, mas o seu começo. O fiel presbiteriano deveria ter a missão de Mateus 28.18-20 clara diante de seus olhos. O culto presbiteriano teria, portanto, o seu desfecho na incrementação do fiel em tornar o caráter divino conhecido no mundo.

**Considerações Finais**

O culto é, entre outras coisas, um momento o ápice da religião. É o homem que se aproxima da Divindade para dizer e ouvir; para um diálogo. Assim, toda liturgia cristã ou não, simples ou complexa, minunciosamente prescrita ou apenas esboçada, com ou sem aparatos, será a narrativa inteligível de um encontrado com Deus. Será performática.

O culto presbiteriano, em toda sua simplicidade, pode se encaixar muito bem na demanda de extremo mal-estar da atualidade, como afirmou Crespi, ao sugerir que as religiões tradicionais, na pós-modernidade, teriam o papel de resolver a complexidade da realidade oferecendo o alívio para quem a procurasse, por meio da dádiva de um sentido para a vida.[39]

---

[37] Na IPB essa bênção vem conjugada muitas vezes com a chamada bênção apostólica, descrita em 2Co.13.13: "*A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós*".

[38] BAIRD, 2001, p.37.

[39] CRESPI, Franco. *A religiosidade na pós-modernidade*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 15.

Para o presbiteriano, esse sentido está no fato que ele está no mundo, como parte dele. Neste estado, é sua tarefa viver cada uma de suas circunstâncias debaixo da soberania divina, procurando da melhor forma possível servir a Deus. O templo é um espaço transitório, no qual o homem apenas se capacita para a tarefa que Deus lhe incumbe. Assim sendo, é fato que as angustias da realidade o afligirão, mas no templo, no culto, sempre haverá espaço para (re)arranjar a vida.

*[Recebido em: junho de 2013*

*Aceito em: agosto de 2013]*